

SER FEMINISTA EM DOURADOS-MS: SENTIDOS QUE CIRCULAM NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS

Luan Fernando Schwinn Santos (G-UFGD)¹
Jacy Corrêa Curado (UFGD)²

Resumo: Este artigo se insere no âmbito da pesquisa “Os Sentidos de 'Comunidade' e as Metodologias de Trabalho Social” do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados, realizada no período de agosto de 2014 a julho de 2015, período o qual estávamos inseridos no Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC). A pesquisa se alinha aos estudos da Psicologia Social Comunitária que pressupõe que toda psicologia não é una e singular, mas produzem e são produzidas por distintas práticas discursivas. O artigo busca compreender os sentidos de “feminismos” atribuídos por mulheres que se consideram feministas da Região da Grande Dourados, além dos sentidos presentes em documentos públicos, literatura feminista e nos meios de comunicação virtuais, como o facebook. Para tal feito utilizamos como ferramenta de pesquisa a “Oficina de Sentidos” em que se problematizaram os sentidos de pertencimento a essa comunidade, assim como as estratégias de enfrentamento aos seus preconceitos e discriminações por meio das vivências das participantes relatadas na oficina. Por meio da pesquisa poderemos entender que o feminismo para essas mulheres tem o poder de libertação, porém essa libertação se dá por um processo bastante doloroso. Perceberemos ainda uma forte presença do discurso antifeminista e a polissemia de sentidos do feminismo. Os dados e bibliografias levantadas nesse artigo poderão servir como um ponto de partida para o fomento de pesquisas direcionadas à essa problemática, e também na construção de metodologias de intervenção dentro do campo da Psicologia Social Comunitária. Logo, esperamos que esse texto possa contribuir com a construção de espaços geradores de maior autonomia, solidariedade e transformação social em nossa sociedade, particularmente das relações desiguais de gênero.

Palavras-chave: Feminismo, Mulheres, Construcionismo Social, Psicologia Comunitária.

Introdução

Sexo. Mulher. Gênero. Feminino. Feminismo. Feminismos. Na história recente Ocidental podemos visualizar a luta de mulheres pela conquista de direitos e de espaço social. Essa luta nos motivou a debruçarmos sobre um movimento/fenômeno social que tem ganhado seguidoras/es ao redor do mundo. O intuito, de forma alguma, é de qualificar, classificar ou conceituar o que é ou não feminismo, nosso objetivo com esta pesquisa é compreender a polissemia de sentidos existentes em nossa sociedade sobre tal movimento e de como esses

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. luan_mju02@hotmail.com

² Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), professora adjunta do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas (FCH) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). jacycurado@ufgd.edu.br

sentidos constroem práticas discursivas que de certa forma moldam nossas identidades e desejos. Essa pesquisa ainda vai de encontro com as colocações de Duarte (2003, p. 151) em “Feminismo e Literatura no Brasil” em que a mesma coloca que o feminismo é um tabu no Brasil e que “diferente do que ocorre em outros países, existe entre nós uma forte resistência em torno da palavra ‘feminismo’”.

Especificamente esse artigo se insere no âmbito da pesquisa “Os Sentidos de 'Comunidade' e as Metodologias de Trabalho Social” do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados, realizada no período de agosto de 2014 a julho de 2015, período o qual estávamos inseridos no Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC). A pesquisa se alinha aos estudos da Psicologia Social Comunitária que pressupõe que toda psicologia não é una e singular, mas produzem e são produzidas por distintas práticas psicológicas. O artigo busca compreender os sentidos de “feminismos” atribuídos por mulheres que se consideram feministas da Região da Grande Dourados, além dos sentidos presentes em documentos públicos, como literatura feminista, e em diversos meios de comunicação como a internet. Esperamos que esse texto possa contribuir com a construção de espaços geradores de maior autonomia, solidariedade e transformação social em nossa sociedade, pois como poderemos visualizar ao longo deste texto que a noção de feminismo ainda tem sofrido diversas críticas e ataques de pessoas que se intitulam “antifeministas”.

Utilizamos como abordagem teórico-metodológica o construcionismo social, que é uma perspectiva que pretende analisar o mundo e a si mesmo a partir de processos em que as pessoas descrevem e explicam o mundo em que vivem. Gergen (1985) nos fala que a pesquisa construcionista articula formas compartilhadas de entendimento que existiram em períodos anteriores e atualmente, e de como poderão existir se a atenção criativa se dirigir neste sentido.

Na perspectiva construcionista, o conhecimento é um processo de construção coletiva, do cotidiano, logo, todas as interações sociais são importantes, principalmente a linguagem que é parte constitutiva da realidade e também forma de interação (CURADO, 2008). Todas as condições de mundo resultam de algum modo, da ação e negociação o que forma relações diferentes processos sociais e sociedades distintas (IÑIGUEZ, 2002). Portanto “ser construcionista significa refletir criticamente sobre a gênese da Psicologia como disciplina científica e de seu papel na maneira do indivíduo explicar e compreender o mundo. Nesse particular, o construcionismo social é uma crítica profunda à Psicologia Tradicional” (CURADO, 2008, p.23).

O construcionismo social crítica uma “ideologia da representação” que se ampara em quatro grandes mitos, que são: 1- O mito que o conhecimento pode ser representação fiel da realidade; 2- O mito que o objeto é constitutivo do mundo; 3- O mito de uma realidade independente dos indivíduos; 4- E, por fim, um mito onde a verdade é um critério decisório (NOGUEIRA, 2001). Logo, “o construcionismo pretende sintetizar de várias formas todas as críticas apresentadas e mover-se além delas, no sentido de uma descrição mais positiva do conhecimento científico” (Ibdem, p. 46).

Junto ao construcionismo entendemos ser de extrema importância localizar a psicologia comunitária, pois ela “dedica-se a estudar, compreender e intervir no cenário de questões psicossociais que caracterizam uma comunidade” (SCARPARO & GUARESCHI, p. 103, 2007). Ou seja, nos utilizamos da psicologia comunitária para entender essa relação de identificação das mulheres feministas com uma comunidade, essas “interlocuções entre psicologia e comunidade se intensificaram na medida em que as práticas psicológicas dialogaram com outras áreas” (Ibdem, p. 104). Portanto, os sentidos identitários à comunidade de mulheres feministas é um dos focos desse artigo, a partir do qual podemos compreender a noção de comunidade e quais são os problemas enfrentados pelos participantes com suas questões identitárias. Scarparo e Guareschi (2007) ainda nos fazem pensar sobre a Psicologia Social Comunitária na contemporaneidade, problematizando rompimentos e uma flexibilidade das fronteiras territoriais e disciplinares para ressignificação da noção de comunidade na globalização.

Contudo a Psicologia Comunitária tem feito esforços para a melhoria das relações dessas “comunidades” oprimidas a fim de...

[...] desenvolver relações sociais que se efetivem através da comunicação e cooperação entre pessoas, relações onde não haja dominação de uns sobre outros, por meio de procedimentos educativos e, basicamente, preventivos, se tornou o objetivo central de atividades comunitárias, as quais podem ocorrer em uma casa, com pessoas criando novas relações "familiares", em escolas, hospitais e mesmo entre um grupo de vizinhança ou de bairro, desde que estes se identifiquem por necessidades comuns a serem satisfeitas, através de atividades planejadas em conjunto e que impliquem em ações de vários indivíduos, encadeadas para atingir o objetivo proposto (LANE, 2006, p. 68).

Assim sendo consideramos ser objeto da psicologia comunitária essas comunidades que por um processo histórico tiveram direitos negados e se encontram em uma sociedade de poder muito desigual.

Marcado na história dos movimentos sociais, o movimento feminista apresentou maior visibilidade em alguns momentos, sendo que cada um desses foi marcado por um emaranhado

de reivindicações. Costuma-se dividir esses momentos em três, intitulados ondas feministas “houve, também, várias gerações ou várias fases no feminismo, conhecidas como ‘ondas do feminismo’” (NARVAZ & KOLLER, 2006, p. 649). A primeira é bastante significativa, pois é nela que a luta por direitos e o voto feminino é colocado em discussão, “O movimento sufragista que se estruturou na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos e na Espanha teve fundamental importância nessa fase de surgimento do feminismo” (Ibdem), como importante marca temos o livro “O Segundo Sexo” (1949) de Simone de Beauvoir (AUAD, 2003, p. 56). Foi com esta primeira onda que o feminismo se consolidou enquanto movimento e por ser portador de grandes mobilizações, em especial nos Estados Unidos da América e Reino Unido.

A segunda onda feminista tem seu marco inicial com a publicação de “A mística feminina” (1963) de Betty Friedan, e é marcada pela união do movimento feminista com outros movimentos como estudantil e de operários (AUAD, 2003, p. 56).

Para os meus propósitos, a história da segunda onda do feminismo se divide em três fases. Em uma primeira fase, o feminismo estava estritamente relacionado a vários “novos movimentos sociais” que emergiram do fermento dos anos 60. Na segunda fase, foi atraído para a órbita da política de identidades. E, finalmente, em uma terceira fase, o feminismo é cada vez mais praticado como política transnacional, em espaços transnacionais emergentes. E eu me explico em seguida. (FRASER, 2007, p.292-293)

É na segunda onda que teremos a distinção entre sexo e gênero, conceito que emerge na academia na tentativa de separar o biológico do social (NOGUEIRA, 2001). Porém a confusão entre tais conceitos se apresenta ainda hoje na grande parte da população.

Nos anos 80, influenciadas pelo pensamento pós-estruturalista, especialmente Jacques Derrida e Michel Foucault as feministas passam a enfatizar a questão da diferença, da subjetividade e da singularidade das experiências (NARVAZ & KOLLER, 2006). Nasce assim a terceira onda do feminismo, deslocando nesta época o campo de estudos de mulheres e do sexo para as relações de gênero.

O desafio nesta fase do feminismo é pensar, simultaneamente, a igualdade e a diferença na constituição das subjetividades masculina e feminina. Nesta terceira fase do movimento feminista, observa-se intensamente a intersecção entre o movimento político de luta das mulheres e a academia, quando começam a ser criados nas universidades, inclusive em algumas universidades brasileiras, centros de estudos sobre a mulher, estudos de gênero e feminismos. (NARVAZ & KOLLER, 2006, p 649)

Assim, temos compreensão de que cada onda feminista possui distintos sentidos de feminismo, que vai ser construído de acordo com as necessidades das mulheres, de suas

localidades geográficas, épocas, as situações de opressão, os acúmulos do conhecimento, entre outras questões.

1 Comunidades Identitárias

Para discutir o tema acerca das mulheres feministas fizemos um levantamento em torno do conceito de identidade entendendo ele como parte fundamental da construção de uma comunidade identitária, pois, se compreendermos o porquê as pessoas se reúnem em torno de um ideal e se identificam com tais modelos de vida, comportamentos e estigmas, poderemos entender as comunidades identitárias a qual estão inseridas.

O psicólogo social brasileiro Antonio da Costa Ciampa (1987) traz a noção de identidade como uma “metamorfose”, aonde uma identidade vai se metamorfoseando a todo e qualquer momento. Nessa concepção compreende-se a identidade...

[...] como um processo de metamorfose permanente, cuja dimensão temporal envolve diferentes momentos. Assim, o presente é o momento em que, por exemplo, alguém se reconhece como um adulto que pode falar da criança que foi no passado – sua história de vida – e também do velho que gostaria de ser no futuro – seu projeto de vida – como forma de falar de si mesmo (PACHECO e CIAMPA, 2006, p 164).

Para Sawaia (2001) as identidades são colocadas como sendo de dois polos em que alguns conceitos dão à identidade características de unicidade e outras de multiplicidade.

Atribui-se à identidade a incumbência de resguardar a multiplicidade das individualidades para contemplar a alteridade. (...) na existência de duas concepções antagônicas de identidade: a identidade transformação/multiplicidade e a identidade permanência/unicidade e na concepção de que um é modelo e outro é patologia. (SAWAIA, 2001, p.120)

Porém Sawaia (2001) nos diz que essas visões antagônicas não devem ser excludentes, elas devem viver em tensão, pois uma mantém a outra, como afirma abaixo:

O uno e o múltiplo não se excluem, constituem-se um na relação com o outro e um contém o outro, ao mesmo tempo em que se superam (Sawaia, 1995). É necessário apresentar-se e ser representado como igual a si mesmo (Ciampa, 1987) para garantir relações, intrapessoal, interpessoal, intergrupar e internacional. (SAWAIA, 2001, p. 123).

Essas comunidades identitárias podem ser descritas desde seus espaços físicos até laços e vínculos construídos por identificação, elas não são um agregado social, em que se repartem interesses, sentimentos e possuem um determinado grau de organização (GOMES, 1999). Portanto, entendemos que a comunidade pode ser fluída e vai além de um espaço de

uma associação, se constroem através de identificações, e é por isso a importância de se relacionar comunidade com identidade.

Bauman (2001) discorre acerca dessa fluidez, afirmando que as identidades tornam-se instáveis e passam por uma hibridez se deslocando de um vínculo local. Fazendo do sujeito um processo pessoal ininterrupto e não mais coletivo. Bauman (1998, 1999, 2001, 2003) discorre em seus textos sobre a ambivalência que se torna um valor nessa modernidade líquida e onde as identidades se tornam fluídas e não mais fixas, pois essas não parecem tão atrativas quanto no passado.

Identidade significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar, no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e depois disso, realizar ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. (BAUMAN, 2003, p.21)

O feminismo foi uma identidade bastante fortalecida no século XX, porém com o advento da “pós-modernidade” passou pelo mesmo processo que todas as identidades, por tal motivo podemos aqui fazer uma associação ao campo das comunidades identitárias trabalhadas no grupo de pesquisa e durante todo desenvolvimento teórico de nossa pesquisa. Seguindo tal pensamento recorreremos a Hall (2006) onde as ‘velhas identidades’³ que por muito tempo viveram em estabilidade e unificadas, hoje se encontram em meio à desestabilização e fragmentadas, em que se concebem as identidades como múltiplas, em que, podemos ser e ao mesmo tempo não ser. Hall (2006) compreende que nossa identidade está cada vez mais desfragmentada, talvez pela liquidez de nossas vidas ou pela crescente complexidade em que as relações interpessoais que o mundo tecnológico nos propiciou.

Para tentar compreendermos todas essas teorias sobre identidade(s), coloca-se aqui uma analogia pensando em nossa(s) identidade(s). Imaginemos um cubo mágico⁴. Proponho que pensemos que este cubo é nosso espectro identitário, dentro deste cubo a um centro que faz com que todas as peças se unam e não se separam. Esse centro seria uma matriz centralizada de nossa identidade que se configura de diversas formas com o mexer das peças, as peças colocadas como nossas diversas identidades e formas de ser que possuímos em nossa

³ Utilizamos “velhas identidades” pensando que a estruturação da sociedade junto à globalização, trazidas pela modernidade tardia (pós-modernidade), criou novos tipos de identidades, mais fluidas e fragmentadas. Ver Hall (2006).

⁴ Cubo mágico é um cubo tridimensional, com seis cores e diversas possibilidades de combinações.

extensão comportamental, que vai se moldando as nossas experiências e vivências. Logo, temos uma unicidade, caracterizada pelo centro e múltiplas formas identificação, dependendo das configurações em que coloco tais peças. E essas peças podem ser totalmente antagônicas, cada uma empurrando para um lado, fazendo com que o sujeito seja único. Esta analogia pode ser pensada em uma perspectiva do pensamento de Hall (2006) quando ele diz que o sujeito assume diferentes identidades, essas não são unificadas em torno de um “eu” coerente.

Dito isto, podemos inferir que as comunidades são formadas conforme a identificação das pessoas, elas se consolidam e se fortalecem por essa identificação gradual, é o que ocorre com coletivos estudantis e associações com a temática do feminismo, pois, devido aos preconceitos carregados pela sigla e movimento, acontecer certa proximidade com a temática, e somente aqueles que se encontram nas minorias sociais, ou seja, aqueles que não detêm o poder nas relações sociais, pergunta sobre sua identidade, ela, portanto está nas relações de poder (SOUZA-SANTOS, 1994, p. 119-137). Essas comunidades, portanto, utilizam de “identidades”, por isso a proposta da expressão “Comunidades Identitárias”, pois uma se utiliza da outra para fortalecer seus laços e movimentos.

2 Caminhos da Pesquisa

Utilizamos como base de dados para essa pesquisa todo e qualquer texto, imagem, vídeo, vozes das mulheres, ou seja, de qualquer enunciado em torno do feminismo, sendo ele acadêmico científico ou não, pois entendemos pela teoria construcionista que os sentidos circulantes no “senso comum” também são de extrema importância para nossa análise. Isso possibilitou o acesso a diversos tipos de comunidades, para além da acadêmica científica. E para trabalhar com as mulheres que se intitulavam feministas começamos a acompanhar páginas na internet feministas e páginas que na direção oposta se colocavam enquanto antifeministas, assim poderíamos circular por esses dois espectros bem antagônicos para a construção deste trabalho e da oficina de sentidos. Isso foi possível devido ao direcionamento construcionista de nosso trabalho por entendermos ser importante a busca desses sentidos que circulam no mundo virtual.

Com isso construímos uma Oficina, com mulheres que se intitulavam feministas na cidade de Dourados-MS. Esse convite foi realizado para as mulheres que o pesquisador conhecia ou reconhecia por seus posicionamentos nos movimentos sociais da região de Dourados. Contudo, em uma primeira tentativa apareceram quatro mulheres o que metodologicamente inviabilizou a realização da oficina. Em um segundo momento foi feito

outro convite para essas mulheres e por conta de diversos motivos também não se fizeram presentes um número mínimo suficiente para a realização da mesma. Porém por acreditarmos que a pesquisa ficaria incompleta ou por pensarmos em uma continuidade de pesquisa realizamos uma entrevista em grupo com as mulheres que se fizeram presentes, que foram três.

Utilizamos para estrutura da entrevista as questões trazidas pela oficina de sentidos e, portanto se fez uma adaptação de uma oficina desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Para realização da entrevista foi distribuído um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde se explicitava os objetivos da pesquisa e a preservação da identidade das participantes e de suas falas, por conta da gravação. Foi proposto da leitura em conjunto em que o pesquisador leu atentamente o TCLE. Assim, nosso objetivo foi mapear sentidos em ser feminista, principalmente dessas mulheres da região de Dourados, mas também de outros sentidos que circulam nesta região e que podem ser acessados por elas, como livros da Universidade Federal da Grande Dourados, artigos em plataformas eletrônicas e páginas em redes sociais, algumas dessas acessadas por essas mulheres.

A entrevista seguiu o mesmo direcionamento da oficina e por isso foi composta de três momentos que giraram em torno do sentido de ser feminista em nossa sociedade. A entrevista teve duração de quarenta e seis minutos e doze segundos, realizada na sala de grupos do Laboratório de Serviço de Psicologia Aplicada (LabSPA).

Em um primeiro momento perguntei “O que era feminismo? E palavras que elas associavam ao feminismo?”, em que elas me responderam de forma livre. Em um segundo momento fez-se duas perguntas sobre as vivências de ser feminista, pedindo que me falassem de exemplos que consideravam negativos ou positivos. Para finalizar a oficina, foi proposto aos participantes que refletissem e explicitassem as estratégias de enfrentamento aos problemas sociais informados no decorrer da oficina.

A partir desses direcionamentos podemos pensar em alguns sentidos do feminismo e associá-los ao que foi pesquisado em páginas na internet e textos acadêmicos. Utilizamos-nos da ideia de Spink (2010) sobre repertórios linguísticos, aonde ela vai nos apontar que esses repertórios são entidades muito mais fluídas e flexíveis que as representações sociais. As representações sociais seriam estruturadas a partir de repertórios linguísticos, portanto não

estávamos aqui procurando representações sociais acerca do feminismo, mas sim os repertórios que as participantes usaram para se referir a essa palavra.

3 A Polissemia de Sentidos: “Feminismos” como Práticas Discursivas

Após a realização da entrevista de pesquisa em torno do feminismo e do acompanhamento das páginas e blogs, e da literatura feminista encontramos alguns principais sentidos do feminismo em nossa sociedade. Dividimos em algumas categorias, porém, entendemos que muitas vezes eles não são dissociáveis e se apresentam em sentidos múltiplos que influenciam a identidades presentes em nosso cotidiano.

3.1 Sentidos de “Feminismos” Plurais

Com a celebre frase de Beauvoir (1967) “Não se nasce mulher, torna-se mulher” construímos um marco entre a noção de sexo que fora pautado pelo determinismo biológico e o conceito de gênero, entendido como algo não estático e determinado em nosso nascimento por nosso aparato sexual, em que é constituído e construído por nossas vivências com o corpo e o meio, sendo traduzido e expressado por performances que desempenhamos ao longo de nossa existência. Contudo, temos de ter em conta esse aparato sexual, ou seja, ele tem ligação com essas performances e é parte fundamental de como me reconheço enquanto homem, mulher ou outro gênero. Então para nossa constituição enquanto sujeito é de extrema importância o reconhecimento do fator social, porém sem excluir as questões biológicas, pois essas questões foram as que engessaram as relações desiguais entre os gêneros.

Butler (1993) analisa que ao construir e assumir um gênero significa gerar identificações e negar outras, então à pessoa inscrita nesta comunidade primeiramente tem de negar ao outro, “eu sou diferente” para construir suas vivências. Essa operação hierarquiza as identidades, reforçando uma norma o que cria relações de poder desiguais na questão de gênero.

Apresentaremos a seguir diversos sentidos para o feminismo, logo, podemos entender que não existe um feminismo, mas “feminismos”.

[...] os feminismos são muitos, porque existem vários ‘tipos’ de feminismo. Esses feminismos representam vários grupos de mulheres no Brasil e no mundo com crenças, desejos, ideais e valores muito diferentes. Se por um lado existem elementos que distanciam e diferenciam esses grupos de mulheres, por outro há objetivos e ideais que aproximam e igualam os feminismos. (AUAD, 2003, p. 14-15)

Tiburi em entrevista a CULT de março deste ano também trata de feminismos:

Há vários feminismos [...] Então todos os feminismos são válidos. Um feminismo que seja contra a pluralidade dos feminismos é um feminismo que precisa de autocrítica porque ele está errando na base fundamental do que significa falar em nome da diferença das mulheres na ordem da cultura. Pode ter um feminismo das mulheres que fazem funk, das mulheres que trabalham na vida acadêmica, das donas de casa, um feminismo das mulheres que gostam de conversar com homens, pode ter feminismo lésbico, pode ter todo o tipo de feminismo, não há problema algum. A pluralidade do feminismo é maravilhosa. (2015, p. 18)

Nossa terceira entrevistada também aponta essa pluralidade e ainda coloca que muitas vezes as mulheres fazem feminismo sem ao menos saber o que é. Ela afirma: “eu uso feminismo no espaço comunitário, mas eu tenho experiência no CRAS e eu vejo mulheres não sabendo o que é, mas elas fazem feminismo. Você vê uma mulher saindo de um relacionamento violento e isso é esperançoso.” (Entrevistada 3). Isso se assume em total concordância com outra afirmação explanada na entrevista que é do feminismo existir “como atitude antes de ganhar nome”. (Segunda entrevistada)

No feminismo não existe hierarquia ele é e está se constituindo nas vivências de mulheres, tornando-as assim donas e protagonistas de seus feminismos. Narvaz & Kohller vão costurar pela visão de diversas autoras que o feminismo é “um campo político, tanto quanto teórico-epistemológico, embora tenha assumido variadas tendências. Considerado ‘problemático, instável e tenso’, o feminismo vem problematizando a si mesmo ao longo dos tempos, desde as doutrinas do feminismo original, em permanente (des) construção” (2006, p. 648-649), ou seja, o feminismo se reinventa com o passar do tempo e que suas ações e reivindicações são determinadas pelo tempo ao qual esta inserido.

3.2 Sentidos de Movimentos Sociais

Este sentido tem como maior exemplo o movimento sufragista no final do século XIX e início do século XX (HIRATA et al, 2009). Atualmente vemos uma luta intensa e bastante presente na sociedade em torno da equiparação de salários. Porém essa busca vai para além dos direitos civis que conquistamos na da esfera pública.

Afinal, como já se observou exaustivamente, a questão das relações sexuais e da mulher especificamente nasce a partir das lutas pela emancipação deste sujeito antes definido como “sexo frágil”. E’na luta pela visibilidade da “questão feminina”, pela conquista e ampliação dos seus direitos específicos, pelo fortalecimento da identidade da mulher, que nasce um **contradiscurso feminista** e que se constitui um campo feminista do conhecimento. (RAGO, 1998, p. 7-8)

As mulheres feministas nos apontam outras formas de se conquistar direitos, através da organização feminista e propriamente do movimento social. Uma delas vai nos dizer que feminismo

[...] não se pode separar de ser feminista. Só existe feminismo porque existem pessoas feministas. Ele existiu como atitude antes de ganhar nome. É uma atitude filosófica, de não conceber as coisas como dadas, questionar. O feminismo vem questionar formas de padrões de formas de comportamento que são impostas pra nos mulheres de forma geral. O feminismo é diverso e não será feminismo se não for diverso. Se não aceitar a diferença não é feminismo (Entrevistada 2).

Também foi colocada a importância do questionamento as regras, ou seja, da quebra dos papéis sociais de gênero:

Questionamento, eu me vejo questionando. As coisas são muito quadradas, a regra vem sempre. Você tem que questionar essas regras. É questionar a naturalização dessas coisas históricas e sociais (Entrevistada 2).

Em nossa entrevista foi dito por uma das mulheres presente que feminismo pode ser associado a “Autoconhecimento”, pois para ela “quanto mais às pessoas se libertam mais elas se conhecem, como pessoa, quanto seu papel na sociedade” (Entrevistada 1). Que também pode ser associado à emancipação dessas mulheres, sendo muito ligado ao sentido de direitos e igualdade.

O feminismo traz empoderamento e muda a vida dessas mulheres e se faz muito importante na construção da identidade mulher, para uma entrevistada ele representa.

Liberdade. Ser aceita. Me amar como sou. Me libertou de diversas outras coisas, cresci muito conhecendo mulheres que se amam, que são empoderadas. Feminismo é muita luta. Não aceitar as coisas como estão (Entrevistada 3).

Essa liberdade contribui para as mulheres se conhecerem e conquistarem a emancipação deste discurso restritivo do patriarcado, passando a entender que seu destino não depende do aparato anatômico-sexual. Esse autoconhecimento, podemos dizer que, faz parte da estratégia dessas mulheres lidarem com a discriminação que sofrem em se colocarem enquanto feministas.

No começo, quando eu descobri o feminismo. E eu me colocava feminista em vários espaços, eu era humilhada por palavras, por gestos, piadas. Desprezo em expressão facial. Um jogo que acontece dentro de vários espaços. Hoje em dia não me coloco tão explicitamente, dependendo do espaço prefiro observar e conversar a parte e me desgastar (Entrevistada 1).

Apesar de não ter sido diretamente citado nas entrevistas este tópico também pode ser entendido como conhecimento ao corpo e a sexualidade feminina e que a liberação sexual é, também um instrumento de luta. Atualmente temos como exemplo dessa questão a Marcha

das Vadias, movimento que se iniciou no começo desta década como forma de protesto e que tem o corpo como centro de discussão, pois esse corpo feminino e suas sexualidades são aprisionadas pelo sistema patriarcal.

Tiburi em entrevista a revista CULT (03/2015) afirma que o feminismo deve estar colocado à extrema esquerda e que ele irá se resolver na revolução, isso pode ser associado à entrevista realizada por nós, onde se coloca que “o feminismo é revolucionário, é libertador. Se tem resistência a isso, é por que a gente ta aí” (Entrevistada 3).

O feminismo também pode mudar posicionamentos políticos nas vivências cotidianas e ser um movimento para além da política em um campo macro, como observamos no relato a seguir:

Bom, na minha trajetória, tenho uma mãe que militou em movimento de mulheres e não feminista. Não me declarava feminista, e engraçado que todo mundo fala que é feminista até casar e comigo foi o contrario. Eu tentei pessoalmente construir uma negociação que subvertesse esses papéis colocados e eu percebi que sozinha eu não conseguiria. Porque vivendo nessa situação de relacionar com um homem eu pude ver o quanto era opressiva essas situações, como porque eu tinha que fazer serviços de casa. Quando me coloquei como esposa, foi aí que percebi a cobrança, principalmente das outras mulheres, elas falam ‘você não cozinha pro seu marido?’ ‘você não se depila pro seu marido?’ ‘você não faz as unhas pro seu marido? você é relaxada’, todas as coisas começaram a cair com mais peso, foi assim que compreendi que sozinha eu não poderia. Eu tive que fazer uma escolha, a partir do momento que tentei colocar com mais veemência a subversão dos papéis e foi colocada diante de uma escolha, o que é mais importante: o amor que você tem por mim ou o seu posicionamento político. E eu fiz, e foi meu posicionamento político porque sem ele eu não posso me amar e não posso amar outra pessoa (Entrevistada 2).

3.3 Sentidos Antifeministas

Entendemos que os diversos posicionamentos influenciam na construção social do que são os feminismos, seja nas páginas intituladas feministas e nas antifeministas em uma rede social. Essas páginas tem caráter público, ou seja, todas as pessoas inseridas em uma rede social podem acessar seus conteúdos, essas páginas foram: “Mulheres Inteligentes”, “Garota Reaça”, “Moça, não sou obrigada a ser feminista!”, “Antifeminismo” e em especial “Mulheres contra o Feminismo”.

Nas vozes das mulheres trazidas pelas entrevistas ser feminista tem sido bastante complicado em nossa sociedade douradense. Compreendemos que esse discurso antifeminista surge como dispositivo para estabilidade da ordem social, “o feminismo mexe com o privado, as pessoas se sentem incomodadas” (Entrevistada 2). Portanto, como vem nos apontar Duarte (2003, p. 151-152) a grande derrota do feminismo foi:

Ter permitido que um forte preconceito isolasse a palavra, e não ter conseguido se impor como motivo de orgulho para a maioria das mulheres. A reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão forte e competente, que não só promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal amada, machona, feia e, a gota d'água, o oposto de "feminina". Provavelmente, por receio de serem rejeitadas ou de ficarem "mal vistas", muitas de nossas escritoras, intelectuais, e a brasileira de modo geral, passaram enfaticamente a recusar tal título. Também é uma derrota do feminismo permitir que as novas gerações desconheçam a história das conquistas femininas, os nomes das pioneiras, a luta das mulheres de antigamente que, de peito aberto, denunciaram a discriminação, por acreditarem que, apesar de tudo, era possível um relacionamento justo entre os sexos.

Em geral, essas páginas acusam o feminismo de um vitimismo e que as mulheres não precisam do feminismo para se libertar, além de utilizarem o feminismo como forma de desmerecimento, como se mulheres feministas fossem feias, gordas e "mal amadas". Esse discurso obteve uma grande repercussão segundo uma mulher entrevistada, pois o:

Discurso antifeminista cresceu por que o feminismo cresceu, por que ninguém chuta cachorro morto. Então, historicamente na década de 80 e 90 a gente tem um refluxo do feminismo, ele tem um alcance menor que da década de 70 e tinha o neoliberalismo que individualiza. E nos anos 2000 a gente vê um fortalecimento e talvez seja essa onda que a gente tá tentando saber o que é, tem um fortalecimento por que o movimento na época e o movimento gay tem uma associação. Entre o feminismo e as questões LGBT, a gente ganha uma visibilidade muito grande. O discurso que bate nesses grupos é "eu te entendo, você pode ser o que quiser desde que não mostre na rua.", você até pode ser feminista desde que você continue obedecendo algumas regras. O movimento foi nesse sentido de transgressão às regras, existe também um avanço conservador. E pode ser associado à crise financeira, porque em épocas de crise as identidades tendem a se endurecer. Os nós e eles, essa face excludente da identidade ela se reforça em tempos de crise (Entrevistada 2).

Hirata et al (2009) coloca que o movimento feminista tem se marcado por uma crescente imagem "negativa", a partir dos anos 70 elas começam a ser vistas como "radicais" e inimigas dos homens. Isso foi citado na entrevista realizada e colocado como um mito do feminismo o ódio aos homens, que ainda tem forte impacto na sociedade em geral e é um dos pontos mais ditos em páginas antifeministas. Além disso, também encontramos (associado ao sentido de feminismo = Inimigas de homens) representando uma vertente anti-femininas.

Inicialmente, ser feminista tinha uma conotação pejorativa. Vivia-se sob fogo cruzado. Para a direita era um movimento imoral, portanto perigoso. Para a esquerda, reformismo burguês e para muitos homens e mulheres, independentemente de sua ideologia, feminismo tinha uma conotação anti-feminina. A imagem feminismo versus feminino repercutiu inclusive internamente ao movimento, dividindo seus grupos como denominações excludentes. A autodenominação feminista implicava, já nos anos 70, a convicção de que os problemas específicos da mulher (não se falava em gênero na época) não seriam resolvidos apenas pela mudança na estrutura social, mas exigiam tratamento próprio. (HIRATA et al, 2009, p. 39)

A página “Moça, não sou obrigada a ser feminista” publica “homens e mulheres são apenas diferentes [...]”, em um de seus comentários “As feministas queriam nascer com pinto, elas não aceitam a natureza e as funções que Deus deu pra elas”. Essa breve passagem nos deixa explícito que a “guerra dos sexos”, sendo um dos mitos em torno do feminismo ainda ecoa por nossa sociedade. Em nossa entrevista e também acompanhando páginas intituladas antifeministas encontramos um discurso muito presente, o de vitimismo. Esse discurso diz que o feminismo é uma forma de fazer a mulher de vítima. Isso foi bastante presente em uma das passagens de nossa entrevista.

Exemplo, esses dias uma amiga minha postou uma foto falando que não precisava do feminismo, que ela não queria se fazer de vítima e que ela era guerreira. E ela lutava pra conseguir tudo que tinha (Entrevistada 1).

Isso pode ser constatado em diversas imagens de mulheres segurando uma plaquinha em algumas dessas páginas anti-feministas com dizeres como “Não sou feminista. Fui educada pra ser mulher sem MIMIMI⁵. PS: Eu raspo o suvaco”, “O feminismo não me representa por que não me faço de vítima”, “O feminismo não me representa. Eu não preciso de vitimismo pra me defender” e “Eu não preciso do feminismo porque não preciso me fazer de vítima para alcançar o meu espaço”.

Se analisarmos as páginas anti-feministas observamos que atualmente esse discurso de vítimas tem sido bastante utilizado para deslegitimar o feminismo. Em nossa entrevista a causa dessa argumentação se deve pelo binarismo em que somos educados e isso acaba refletindo em como pensamos as opressões.

Uma das entrevistadas aponta que devemos fazer uma análise mais profunda de nossas relações e entendermos as opressões de forma interligada.

Dentro disso eu fico bem preocupada desse discurso de deixar as mulheres como vitima. E ficar uma coisa muito binária e o feminismo cair nesse vitimismo. Ao mesmo tempo a gente sabe que acontece isso por conta de uma coisa muito binária, homem = opressor e mulher = oprimida as coisas acabam sendo distorcidas. A gente sabe que no dia-a-dia a gente tem homem que oprime mulher, mulher que oprime homem, e mulher que oprime mulher. Não é tão simples (Entrevistada 1).

Encontramos também um sentido anti-feminista que coloca o feminismo enquanto doença, esse sentido teve início 1871 e ganhou popularidade em 1872 quando Alexandre Dumas Filho se utiliza de uma tese médica para amparar questões políticas.

⁵“Mimimi” é uma expressão informal utilizada para descrever uma pessoa que reclama demais ou que reclama sem motivos. O sentido no texto é para mostrar como é ligado o feminismo ao vitimismo pelo discurso anti-feminista.

Dumas retira a palavra de uma tese médica sobre tuberculose, de 1871, “Sobre o feminismo e a infantilismo na tuberculose (“ u féminisme et de l infantilisme chez les tuberculeux”), escrito por Ferdinand-Valère Faneau de la Cour. Um tratado em que afirmou que muitos homens doentes de tuberculose tinham traços "infantis e feministas" como "o cabelo fino, cílios longos, pele macia e branca, barba rala, órgãos genitais pequenos, mamas volumosas...", diz a feminista Beatriz Preciado, autora de "O manifesto contrassexual." “O texto de Faneau La Cour teve bastante sucesso de mídia e Alexandre Dumas Filho, jornalista muito ativo na época, utiliza a noção de feminista para desqualificar os homens que apoiavam a causa das cidadãs. Homens que, segundo Dumas, corriam o perigo de sofrer um processo de feminilização semelhante ao que sofriam os tuberculosos” disse Preciado durante sua intervenção no seminário “Corpo Impróprio”, realizado em novembro de 2011, na Universidade Internacional da Andaluzia. (BARBA, 2014)

Esse sentido pode ser considerado “ultrapassado” por ser bastante agressivo e a ciência da saúde ter refletido e repensado diversos aspectos normativos de sua história. Porém, encontramos também nas páginas antifeministas discursos que colocam o feminismo enquanto doença. Na página “Erin Pizzey Brasil: mulher e antifeminista” há uma postagem em que a página afirma que “Feminismo sempre foi a mais maligna forma de psicopatia misturada à fuga da realidade [...] Vamos ficar alerta e desmascarar tais sociopatas”, essa colocação mostra o quão próximo esse sentido está do discurso antifeminista e ele também afeta as vivências das feministas que nos dizem na entrevista que ser feminista a é ainda considera-las como “histérica, você é exagerada” (Entrevistada 2).

Na página “Mulheres contra o feminismo” também temos uma postagem que nos mostra mais claramente o posicionamento dessas mulheres intituladas anti-feministas, elas dizem: “Como é que vão tratar o feminismo como doença mental? Resposta corrigindo a pergunta: Todo feminismo é extremista e doentio, pois tem a mesma origem (ideologia esquerdista) e ser maluca, psicopata, vitimista, assassina e desonesta sempre fez parte desta ideologia vermelha voltada as mulheres”. Isso nos ajuda a pensar como diversos sentidos estão imbricados e se fazem presentes em diversos discursos, por exemplo, neste caso o sentido de doença e político se entrelaçam para estruturação do discurso anti-feminista.

Considerações Finais

O feminismo para essas mulheres tem o poder de libertação, porém essa libertação se dá por um processo bastante doloroso, percebemos pelas falas das mulheres o quão difícil foi e tem sido ser feminista nessa região, que é marcada por uma cultura dita pelas entrevistadas como “agro” (sic), de como elas precisam “cutucar a onça com vara curta”. Encontramos como estratégia principal a formação de um grupo de mulheres envoltas pelo que chamaram de “bolha feminista” (sic), assim elas se sentem mais seguras e trocam diversas experiências

que segundo elas foram “libertadoras”. E essa bolha tem uma dimensão bem grande na vida dessas feministas que ainda dizem que:

Você não tem nem o cavalheirismo que é uma forma de misoginia, aqui em Dourados você tem uma misoginia muito crua, muito violenta. Ela é explícita. Por isso o estar junto é importante pra se proteger. É praticamente não pegar mais ninguém por que você fica marcada, por que ser feminista é ser execrável aqui (Entrevistada 2).

Podemos perceber que o feminismo ou a sua gênese enquanto conceito se funda no discurso médico e com o passar dos anos se traduz em movimento político, filosófico e cultural enquanto aglutinador de mulheres e homens para a busca de equidade nas relações humanas. Tomando força nas lutas pelo direito ao voto e pela libertação sexual, apesar de diversos avanços, os movimentos atuais lutam pela igualdade de salários e a mudança de paradigmas, principalmente sexuais, das mulheres. Apesar das desigualdades no que tange as relações de poder entre homens e mulheres, algumas mulheres denominam o feminismo como um movimento “vitimista”. Contudo, mesmo tendo diversas posições e sentidos sobre “feminismos” é difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este é traduzido em diversas ações que tem alicerces construídos no passado e que se reformulam no cotidiano, e que não tem um ponto específico de chegada ou término.

Referências

AUAD, Daniela. **Feminismo que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BARBA, Pan Montserrat. O que é feminismo? Trad: Beth Ferreira. Universidade Livre Feminista, 2014. Disponível em: <http://feminismo.org.br/?p=3310> Acesso em jan, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Modernidade e Ambivalência**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

_____. **Comunidades: a busca por segurança no mundo atual**. RJ: Jorge Zahar Editor, 2003.

BUTLER, Judith. **Bodies that Matter: on the Discursive Limits of Sex**. Nova York/Londres: Routledge, 1993.

CIAMPA, Antonio. **A Estória do Severino e a História da Severina - um Ensaio de Psicologia Social**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CURADO, Jacy Corrêa. **Gênero e os sentidos do Trabalho Social**. Campo Grande: Editora UCDB. 2008.

DUARTE, Constância. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos Avançados 17 (49), p. 151-172. 2003.

FACEBOOK. **Mulheres Inteligentes**. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/mulher.mulher.inteligente?fref=ts>> Acesso em: 22/09/2015

FACEBOOK. **Garota Reaça**. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/agarotareaca?fref=ts>> Acesso em: 22/09/2015

FACEBOOK. **Moça, não sou obrigada a ser feminista!**. Acesso em: 22/09/2015

FACEBOOK. **Antifeminismo**. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/pages/Antifeminismo/164698207019124?fref=ts>> Acesso em: 22/09/2015

FACEBOOK. **Mulheres contra o Feminismo**. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo?fref=ts>> Acesso em: 22/09/2015

FRASER, Nancy. **Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação**. Estudos Feministas, Florianópolis, 15(2): 240. Pag. 291-308, maio-agosto/2007.

GERGEN, K. **The social constructionist movement in Psychology**. American Psychologist, vol 40, n. 3, p 266-275, 1985.

GOMES, Antonio. **Psicologia comunitária: uma abordagem conceitual**. *Psicologia: Teoria e Prática*. São Paulo, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009 (324 p.).

IÑIGUEZ, Lupicionio. Construcionismo Social e a Psicologia Social. In: MARTINS, João Batista; HAMMAOUTI, Nour-Din; IÑIGUEZ, Lupicionio.(Orgs). **Temas em análise institucional em construcionismo social**. São Carlos: RiMa; Curitiba: Fundação Araucária, p. 127-155, 2002.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. *Coleção primeiros passos*. São Paulo : Brasiliense, 2006.

NARVAZ, Martha; KOLLER, Sílvia. **Metodologias feministas e estudos de gênero: Articulando pesquisa, clínica e política**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NOGUEIRA, Conceição. **Construcionismo social, Discurso e Género.** Psicologia 15, 1: 43-65, 2001.

NOGUEIRA, Conceição. **Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do género.** Cadernos de Pesquisa, nº 112, março/ 2001 Cadernos de Pesquisa, nº 112, p. 137-153, março/ 2001.

PACHECO, Katia; CIAMPA, Antônio. **O processo de metamorfose na identidade da pessoa com amputação.** ACTA FISIATR; 13(3): 163 – 167, 2006.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, género e história. In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.)- **Masculino, Feminino, Plural.** Florianópolis: Ed.Mulheres,1998.

SAWAIA, Bader. Uma Identidade Separatista?. In: SAWAIA, Bader (org). **As artimanhas da exclusão.** Ed. Vozes, 2ª Ed., Petrópolis, 119 – 128, 2001.

SCARPARO, Helena Beatriz Kochenborger and GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **Psicologia social comunitária profissional.** Psicol. Soc. [online]. vol.19, n.spe2, pp. 100-108. ISSN 1807-0310, 2007.

SOUZA Santos, B. **Pela Mão de Alice. O Social e o político na pós-modernidade.** Porto, Afrontamento, 1994, cap. 6, pp. 119-137.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano.** Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.2010.

TIBURI, Márcia. **CULT.** São Paulo: Ed. Bregantini, n 199, março, 2015. 66 p.